

Jornal Dá Licença

PROEX-SigProj MEC 355943.1927.4
ISSN 2236-899X

ANO XXV

Nº 75

NOVEMBRO 2020

NESTE NÚMERO..



ÍNDICE

EDITORIAL	2
ME FORMEI, E AGORA?!	3
DICA DE VETERAN@	3
POR ONDE ANDAM... ..	4
LIVROS E LEITURAS	4
TROCANDO EM MIÚDOS -	5
AÇÃO	7
EVENTOS ONLINE 2020 - -	8

o *Jornal Dá Licença* traz para você os quadros “Me formei, e agora?!”, “Dica de Veteran@” e o “Por onde andam...”, onde ex-alunos contam suas experiências e as dificuldades que encontraram no começo da carreira.

Ainda nessa edição, damos uma ótima dica de leitura e mostramos um pouquinho de como foram os eventos e as ações que compuseram o Programa durante esse ano. Tudo isso com a novidade da nossa presença no Instagram e no Youtube.

Boa leitura!

EXPEDIENTE



Coordenador:
Prof Carlos Eduardo Mathias (GMA/IME)

Vice-coordenadora:
Profª Márcia Martins (UFF)

Docentes colaboradores:
Prof. Adriano Vargas Freitas (DED/IEAR)
Prof. Jones Colombo (GAN/IME)
Profª Luciana Prado Moura Pena (GMA/IME)
Prof. Paulo Trales (GAN/IME)
Prof. Wanderley Moura Rezende (GMA/IME)

Composição e Programação Visual:
Evelyn Murad - Bolsista PROEX-UFF
(Programa Dá Licença - IME - UFF)

Discente colaboradora:
Júlia Vasconcelos - Bolsista PROEX-UFF
(Eventos em Educação Matemática - IME - UFF)

Colaboradores voluntários:
Danilo Magalhães Farias
Hygor Batista Guse
Natasha Cardoso Dias



EDITORIAL

Oi, pessoal!

O Jornal Dá Licença está com cara nova. Não só a cara, eu diria. Na verdade, mudaram também os pés e as mãos.

Temos um mau hábito, já de muitos anos: identificar o currículo de um curso com a sua grade de disciplinas. De modo subliminar, essa identificação divulga que a formação esperada dos estudantes se dará apenas durante as aulas, nos contextos disciplinares. Nós sabemos que isso é absolutamente falso, certo? É tão falso, mas tão falso, que chega a doer.

É claro que as aulas propõem espaços centrais de formação, mas esses não são os únicos. A formação dos estudantes também se dá quando eles participam de eventos, projetos transdisciplinares e, até, quando batem papo com os amigos durante o lanche, no pátio do prédio do Bloco H. Currículo tem a ver com as experiências vividas pelos estudantes e não apenas com o nome daquilo que ensinamos.

A formação do professor em qualquer curso de Licen-

ciatura em Matemática deve ir além da mera construção de saberes específicos matemáticos e didático-pedagógicos e da apresentação das especificidades do sistema educacional brasileiro. Tem a ver também com o suor, com as experiências (que serão) vividas em sala de aula e com o entendimento amplo acerca do papel do professor na Escola cujo fim é a cidadania democrática e planetária. Tem a ver com respeito aos estudantes, com o desejo real de conhecê-los.

O reposicionamento da contribuição curricular esperada do Jornal Dá Licença se dá de forma sensível a esses termos. Há mazelas sobre as quais precisamos falar e belezas que precisamos destacar na formação de professores. Debates sobre a vida estudantil, sobre gênero, racismo, sobre democracia.

Ainda que o desempenho dos estudantes no ENADE e as estrelas dadas ao curso por alguma revista não reconhecem, de modo algum, a importância e a contribuição desse tipo de debate, nós devemos zelar para que ele encontre espaço central em nos-

sois percursos de formação. A qualidade de um curso de Licenciatura está longe de ser determinada exclusivamente pelo número de doutores presentes no curso, a qualidade das suas instalações físicas e a nota obtida pelos estudantes em uma prova cujo poder de mobilização de saberes fundamentais do professor é insignificante.

O Jornal Dá Licença está propondo conteúdos em outras dimensões. Estamos nas redes sociais, em múltiplos meios! Estamos no YouTube com entrevistas e papos de arrepiar os cabelos da nuca. Estamos no Spotify com podcasts que debatem inúmeros pontos interessantes, da vida e do acolhimento estudantil na Universidade, às questões de gênero, a avaliação na universidade e as desigualdades que permeiam o acesso e a permanência dos estudantes na Universidade!

Participem desse novo momento!

Espero que apreciem os novos caminhos.



ME FORMEI, E AGORA?!

Neste espaço, professores da Educação Básica e pesquisadores iniciantes contam um pouquinho da sua trajetória acadêmica, as dificuldades que encontraram no começo da carreira e seus planos para o futuro.

Para inaugurar a coluna *Me formei, e agora?* do *Jornal Dá Licença*, Hygor Guse conversou com a Renata Gilaberte, professora da Educação Básica e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da UFRJ.

O papo foi sobre as experiências em sala de aula, os desafios da profissão e os caminhos da pesquisa após a graduação.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



“A gente se prepara durante a graduação para ver aquelas pessoinhas na sua frente como alunos e aí chega na prática e você precisa aprender a vê-los como pessoas, como humanos que pensam, que tem sentimentos, que tem inseguranças. Isso eu acho que ninguém te prepara. Porque não tem como preparar!”

Renata Gilaberte



DICA DE VETERANO@



Veteranos do curso de licenciatura em matemática da UFF contam sobre sua trajetória e dão algumas dicas para os alunos iniciantes.

Daniilo Farias entrevistou a Gabriella Gallera, veteraníssima do curso de licenciatura em matemática da UFF. A Gabi contou suas experiências ao longo da graduação, falou sobre sua participação no PIBID e no programa de intercâmbio em Portugal.

“O PIBID pra mim foi um abrir de olhos mesmo, sabe? Da realidade do que é ser professora, do que é estar numa escola, do que é lidar com os alunos. [...] Além disso, entrei em contato com muita pesquisa, foi aí que eu comecei a ver artigo, participar de eventos, de rodas de conversa, seminários, tudo isso foi com o PIBID. O PIBID abriu as portas pra esse lado também, de produção de material, produção de artigos e foi muito bom porque eu comecei a ver também um lado acadêmico da faculdade, a pesquisa de fato.”

Gabriella Gallera



CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE





POR ONDE ANDAM...

Ex-alunos do curso de licenciatura em matemática da UFF nos contam sobre a trajetória após a graduação.

Hygor: Meu estudo é compreendendo as representações sociais dos professores de matemática LGBT, no caso, quanto a essas questões de diversidade de gênero e sexual porque é algo que praticamente está escasso, né? É uma discussão que não se fala, no Programa [de Pós-Graduação] também é algo que está sendo inovador. Criou-se um grupo esse ano justamente para poder abarcar as pessoas que tinham interesse nessa área e também correlatas como direitos humanos. Porque são assuntos que são pouco explorados de uma maneira geral e menos ainda por professores de matemática, de física, da área de exatas, parece que é um estigma falar sobre. Porém, são assuntos que vão estar em nossas salas de aula independente de falarmos ou não sobre e a gente precisa saber como agir.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Danilo: Eu tenho plena consciência, e é uma coisa que eu converso muito com meus colegas, que a gente tem condições totais de oferecer um ensino de boa qualidade. Muito se fala nos Institutos Federais e Colégios Federais (e claro, são centros excelentes), mas eu tenho certeza que a gente tem total condição de oferecer também excelência onde a gente está. Então eu diria que meu objetivo principal é seguir na escola, que eu acho que é o meu lugar, e contribuir pra que a gente seja cada vez melhor.

LIVROS E LEITURAS



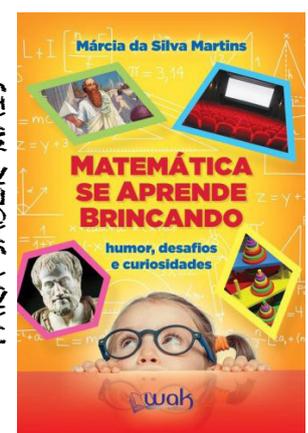
A proposta do presente livro é abordar tópicos da matemática por um prisma lúdico, uma forma leve, bem-humorada e divertida, de encarar uma disciplina que vez por outra é malquistada pelo alunado. O lúdico é a pa-

lavra chave que dá norte aos capítulos. O texto apresenta curiosidades, arte, desafios, humor, tudo isso permeado de matemática.

Profa. Márcia Martins

Mestre em Matemática pela UFF

CLIQUE NO LIVRO
PARA SABER MAIS



TROCANDO EM MIÚDOS



OBJETOS MATEMÁTICOS SÃO DESCOBERTOS OU CRIADOS?

Essa é uma pergunta muito popular e uma das mais antigas que há em torno da Matemática.

Se analisarmos o trecho “objetos matemáticos”, veremos que quem fez a pergunta já delimita, de início, um reconhecimento bastante substantivo das matemáticas. Objetos. As coisas da matemática...

Substantivar algo, ou coisificar (como diremos), é uma prática linguística que divulga focos em determinados aspectos e a desconsideração de outros...de certa forma, o ato de coisificar propõe uma redução que podemos aceitar, ou não, em diferentes níveis. Na língua, os substantivos são alvos mais fáceis da unanimidade. Por vezes, coisificar é um ato político aderente à busca por consensos. No entanto, buscar unanimidade coisificando é uma prática que cobra um alto preço: o eventual desprezo por elementos fundamentais dos quais não devemos abrir mão. Gente, por exemplo, não é coisa.

“Polinômio” é uma coisa da matemática, na língua é um substantivo. Polinômio é o resultado de uma coisificação, uma redução, como toda coisificação é. Nos livros didáticos, lá estão os polinô-

mios, certinhos, igualmente e corretamente definido em todos, objetos unânimes no alto das suas tamancas.

Infelizmente, bem ao lado dessa unanimidade está o amplo desconhecimento acerca daquilo tão sublime que foi reduzido, e das histórias que não foram contadas... Na escola, o polinômio está enclausurado no seu rótulo, sozinho, sem relações passadas e promessas futuras, como alguém tímido e antissocial.

Esse é um mal hábito na escola: perceber a matemática como um baú de coisas tímidas e antissociais. Pobre matemática, foi esvaziada de quase toda vida, foi submetida a rótulos e simplificações de sabe-se lá o quê.

A matemática tornou-se uma coisa enorme que guarda coisinhas sem significado, um armário repleto de gavetinhas nas quais guardamos uvas-passa e ameixas secas para alguma festa de natal que possa acontecer em setembro.

É natural que alguém pergunte “de onde veio isso?” quando vê algo desconectado de qualquer pista sobre sua origem, não é verdade? Pois bem, não é à toa que a pergunta mais popular na escola é: professor isso serve

para quê? Sendo honestos, convenhamos, isso não é uma pergunta, é um sintoma.

Quando perguntamos se os objetos matemáticos “são descobertos ou criados”, buscamos pistas sobre a origem de coisificações, queremos sentir seus sabores e conhecer seus temperos.

Um ponto merece destaque: essa pergunta sugere que “descoberto” e “criado” são estados absolutos e definitivos que se excluem mutuamente. Isso é falso.

O que significa descobrir? Descobrir é ter acesso a algo que já existia, mas que era desconhecido até então. Descobrir é revelar algo que estava escondido embaixo de um lençol. Descobrir é um acesso passivo à coisificação.

- Qual é seu nome?

- Carlos Mathias!

Pronto, me descobriu!

Mas me diga: a resposta que dei a essa pergunta foi suficiente para revelar a você quem sou? Bastaria ao estudante descobrir os objetos matemáticos? Saber os seus nomes, mas não conhecer os seus hábitos...nem os seus motivos?

Criar, por outro lado, é diferente. Sim... Criar é estar embaixo do lençol. É construir a existência de uma coisa, é

o passo a passo em etapas, pode ser improvisado; é o plano mais metódico, mas pode ser um supetão, pode ser suspiro, pode ser paixão.

No topo de minha metáfora, a diferença entre descobrir e criar está na nossa posição diante do lençol: estamos com frio, do lado de fora, ou quentinhos do lado de dentro? Não é à toa que diversos filósofos que insistiram em se posicionar do lado de fora ao descobrirem a matemática, referiram-se à sua beleza como algo frio, como fariam os fãs ao descreverem suas estátuas preferidas.

Criar é quente, é subversivo: só quem está embaixo dos lençóis sabe...

Descobrir é pedir emprestado, criar é emprestar. São vias diferentes de um mesmo ato, são os dois sentidos da direção definida entre indivíduo e meio.

A evocada oposição entre descobrir e criar se daria, portanto, na forma como nós nos posicionamos diante da existência das coisas: se os objetos vêm antes, falamos de descoberta; se eles vêm depois, falamos de criação.

Afinal: os objetos matemáticos são descobertos ou criados?

As duas coisas. Sim, isso mesmo: as duas coisas. Brincando em uma gangorra, o tempo todo.

Na vida, nós descobrimos e criamos, incessantemente. Vivemos e sentimos afetações

de mão dupla, impregnações mútuas. De fora para dentro e de dentro para fora, tudo gira enquanto se forma. Criamos dimensões para algo que descobrimos, descobrimos algo que passou a se dar sobre algo que criamos!

Quando eu nasci, o número PI já existia. Eu fui apresentado a ele na escola. Tive acesso a algo que eu não conhecia, mas que já existia culturalmente. Estava lá, não no mundo ideal frio de Platão, mas no locus cultural representado pelo professor e pelo livro didático: "uma letra que nunca havia visto, esquisita, seguida por 3,14 e três pontinhos", algo tão injustificado que pareceu ter caído do céu e morrido no papel. Estatelado. Foi assim que a escola pegou a minha mão e me conduziu a descobrir o número PI.

Infelizmente, o atual ensino da matemática busca mais divulgar descobertas do que mediar criações. Minha escola tinha mão única.

Eu não tive bons professores no Ensino Fundamental, talvez algum pudesse ter me levado a criar o número PI com meus colegas de sala, deixando-nos brincar com padrões de medidas e investigações de relações entre as diferentes grandezas associadas ao círculo.

De toda forma, vejam como são as coisas: nesse exato momento, o número PI está sendo expandido, em meio

a metáforas e analogias de todo tipo... Talvez, quem sabe, se esse texto viralizar, ao ponto de promover ecos profundos na dimensão cultural, um novo número PI possa se dar, como uma experiência cultural expandida e ressignificada. Se isso ocorrer, eu terei CRIADO algo, de forma identitária, ao construir outra referência para novas coisificações de outras pessoas.

Minha criação é um ato político que tenta te incluir. Esperançosamente, após alguma reflexão, ela se revele a você em forma de descoberta. Uma descoberta apenas sua, esperançosamente capaz de revigorar os seus quartos e lençóis, por meio do calor da humanidade.

Carlos Mathias



**CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VIDEOTEXTO
ONLINE**



NOVAS TECNOLOGIAS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

A ação de Novas Tecnologias tem origem nas atividades realizadas pelo professor Carlos Eduardo Mathias na realização da disciplina de Novas Tecnologias no Ensino de Matemática, obrigatória para o curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A ação conta atualmente com dois grupos consolidados: "Podcast 8 ou 80" e "Página Entrei pra Matemática, e agora?". Além desses grupos, desenvolvem-se outros produtos - como vídeos e documentários - a respeito de temas relacionados à formação inicial e continuada de professores da escola básica.



PODCAST 8/80

A iniciativa do podcast surgiu em um bate-papo informal quando dois dos atuais integrantes do grupo perceberam a necessidade ter um espaço no qual pessoas com vivências diferentes pudessem compartilhar o que têm em comum! Na disciplina de Novas Tecnologias no Ensino de Matemática da UFF, o professor Carlos Mathias incentivou o grupo a criar um podcast, o time se juntou e a ideia saiu do papel!

Um dos objetivos do grupo é mostrar que há diálogo entre o 8 e o 80, especialmente quando vemos a matemática como uma ciência humana.

Episódio 1: Vida acadêmica e trabalho: vivências na Matemática/UFF

Nesse episódio apresentamos o curso de licenciatura em matemática sob as perspectivas de dois alunos que têm vivências distintas dentro da universidade. O primeiro convidado, o estudante Carlos Júnior participou de grupos de pesquisa, já teve diferentes tipos de bolsas acadêmicas dentro da universidade e é atuante no diretório acadêmico. O segundo convidado, o aluno Calebe Motta, está inserido no mercado de trabalho desde o início da graduação, e por isso suas experiências na universidade se resumem as aulas.



CLIQUE AQUI
PARA OUVIR
NO SPOTIFY

CLIQUE AQUI
PARA OUVIR NO
GOOGLE PODCASTS

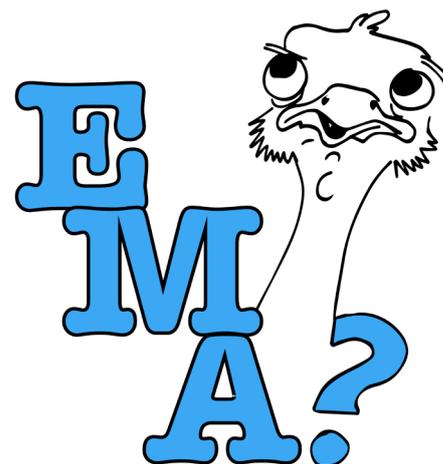


ENTREI PRA MATEMÁTICA, E AGORA?

Você conhece cada canto da UFF? A nossa página veio pra te ajudar e informar sobre a faculdade, mostrando o que ela oferece. Lá você encontrará curiosidades, projetos, eventos, lugares como bibliotecas, serviços disponíveis aos alunos, sites disponíveis para auxílio de pesquisas e muito mais! A nossa mascote EMA (Entre pra Matemática, e Agora?) está sempre aqui pra te ajudar!



CLIQUE AQUI
PARA ACESSAR
NOSSA PÁGINA





EVENTOS ONLINE 2020

Etnomatemática e a Escola: um casamento possível?

O Programa Dá Licença recebe os professores Carlos Mathias (UFF), Milton Rosa (UFOP) e Daniel Clark Orey (UFOP) para bater um papo sobre Etnomatemática na Escola.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE

Mesa de Debate

Etnomatemática, etnociência e decolonialidade

Neste evento, realizado em parceria com o Grupo de Etnomatemática da UFF, recebemos os professores Ubiratan D'Ambrosio (UNIAN / Pós-Graduação em Educação Matemática), Marcio D'Oliveira Campos (UNICAMP / Criador da Proposta SUEar) e Maria Cecília Fantinato (UFF).

Oficina números cores e sons

O Projeto de Eventos em Educação Matemática promoveu a oficina "Números, cores, sons e operações uma proposta multissensorial para cálculos". O evento foi realizado pelo Google Meet, no dia 03 de junho de 2020.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE

Palestra - Surpresas na Probabilidade: Aniversários, Bodes e Mega-Sena

O Projeto de Eventos em Educação Matemática promoveu a palestra "Surpresas na Probabilidade: Aniversário, Bodes e Mega-Sena". O evento foi realizado pelo Google Meet, no dia 17 de junho de 2020

O professor Ralph Costa Teixeira (UFF) discutiu por que nossa intuição falha tão gritantemente em alguns problemas de probabilidade e também como aumentar a chance de ganhar sozinho os milhões da Mega-Sena.

CONTATO E REDES



dalicencajornal@gmail.com



@programadalicenca



<http://dalicenca.uff.br/projetos/jornal/>



/programadalicenca